

Artigo de Revisão

MANIFESTAÇÕES INTERDISCIPLINARES NO ESPORTE

José Maurício Capinussú

Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - RJ - Brasil.

Resumo

O presente trabalho procura estabelecer uma relação entre interdisciplinaridade e esporte, considerando-se uma Comissão Técnica como elemento de exploração, já que seus componentes são de várias procedências, desde o profissional de Educação Física até o nutricionista, cada um se relacionando com o outro e objetivando cumprir uma missão que alcance resultados positivos em benefício de uma equipe ou de

um atleta. Foram definidos vários conceitos de produção do conhecimento, de forma a se ter uma ampla percepção do assunto e se preparar para uma compreensão dos objetivos do estudo, representado pelo que há de mais atual quando se deseja a eficácia na prática: a implantação da comissão técnica (CT) integrada por especialistas de várias origens.

Palavras-chave: Comissão Técnica, Esporte, Interdisciplinaridade.

Revised Article

INTERDISCIPLINARY MANIFESTATIONS IN SPORT

Abstract

This work seeks to establish a relationship between interdisciplinary elements and sport. It considers a Technical Commission as an exploratory element, its components being drawn from various disciplines, from the Physical Education professional to the

Nutritionist, each one relating to the other and aiming to realize a mission that achieves positive results, benefiting a team or an athlete. Various concepts of the generation of knowledge were defined in a way that provides a wide view of the subject and prepares an understanding of the objectives of the study, represented by what is most up to date when efficiency is desired in practice: the implantation of a technical commission (TC) integrated by specialists of various disciplines.

Key words: Technical Commission, Sport, Interdisciplinary.

Recebido em 08.04.2006. Aceito em 03.07.2006.

INTRODUÇÃO

“Perceber-se INTERDISCIPLINAR
É sentir-se componente de um todo
É saber-se filho das estrelas
Parte do universo e um Universo à parte...”
Ferreira (In: Fazenda, 1996)

Coube ao futebol, por escolha deste trabalho, o privilégio de oferecer subsídios para um estudo multifacetado, executado por uma equipe de profissionais, liderados por educadores físicos, preferencialmente especialistas neste esporte. De início, em anos passados, os dados eram fornecidos por profissionais que possuíam uma formação autodidata em administração esportiva e, no presente, por educadores físicos também titulados em administração esportiva.

A inovação de implantar uma Comissão Técnica (CT) no esporte e, em particular no futebol, aconteceu na preparação da seleção brasileira, campeã mundial de 1958, com uma equipe liderada pelo esportista Carlos Nascimento, homem de confiança de João Havelange, então presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Jogador de alto nível, na década de 30, Nascimento foi indicado a Havelange pelo seu amigo Guilherme da Silveira Filho, dirigente máximo da fábrica de tecidos Bangu, que o tinha como funcionário exemplar e bem qualificado. A indicação foi plenamente aceita por Havelange, que já conhecia Nascimento como pessoa austera e séria, com um passado irrepreensível de atleta, sendo considerado exatamente o indivíduo certo para chefiar uma equipe atuante fora das quatro linhas, a ser constituída do técnico, do preparador físico, do médico, do dentista, do massagista e dos auxiliares (roupeiro, sapateiro).

A idéia de uma CT surgiu em virtude do fiasco da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1954, na Suíça, em que a indisciplina da equipe extrapolou todos os limites admissíveis. Nesta época, o modelo da organização apresentado por húngaros e alemães inspirou os dirigentes da antiga CBD, que, a partir de então, iniciaram o planejamento para a Copa do Mundo a se realizar na Suécia, quatro anos depois.

O sucesso do trabalho executado em 1958 serviu de modelo para as equipes brasileiras de futebol, em nível de seleção e de clubes. Posteriormente,

o basquetebol e o voleibol adotaram o mesmo esquema, sendo que, no presente momento, entre os esportes amadores, o voleibol atinge os limites da perfeição, com uma equipe polivalente em suas variadas atribuições, cuja eficácia reflete-se no campo da competição, na conquista de títulos continentais, mundiais e olímpicos.

A polivalência acima citada incide na interdisciplinaridade, que vai de encontro ao esporte, representado pelas comissões técnicas mais atuantes nas modalidades esportivas de caráter coletivo, embora, em algumas de caráter individual, o esquema também se faça presente.

DISCUSSÃO

Revisão de literatura

Para um melhor entendimento do que seja interdisciplinaridade, realizou-se uma revisão da literatura sobre o assunto, de modo a se ter esclarecimentos mais elucidativos sobre um tema hoje tão relevante na área de ensino e, a partir de então, conforme demonstrado neste trabalho, na área esportiva.

Lenoir (1998) manifesta uma definição objetiva e simples da interdisciplinaridade, pressupondo a existência de ao menos duas disciplinas como referência e a presença de uma ação recíproca. De sua parte, Klein (1998) afirma que a “compreensão começa com a perspectiva histórica”, enfatizando que “interdisciplinar é uma palavra do século 20”, revelando que “a origem intelectual do conceito de interdisciplinaridade subjacente, no entanto, é muito mais antiga. No ocidente, as idéias fundamentais da ciência unificada, síntese e integração do conhecimento foram desenvolvidas pela filosofia antiga. Com o passar do tempo, o processo geral da especialização na sociedade resultou em um número crescente de disciplinas e profissões distintas. Entretanto, as idéias de unidade, integração e síntese persistiram como valores filosóficos, sociais, educacionais e pessoais.”

Segundo Vars (1993), as origens da educação interdisciplinar moderna encontram-se nos conceitos de currículos interdisciplinares e integrados; abordagens de comportamentos holísticos, integrada

e interdisciplinar; modelos de estudos unificados, temas combinados, aprendizado comum, estudos correlatos e currículo comum.

Discorrendo sobre interdisciplinaridade, Tubino (1997) afirma que ela só pode ser alcançada através de disciplinas conexas, nas quais a melhor percepção é resultante das próprias relações e inter-atuações das áreas de conhecimento conectadas.

Tubino (1997) cita, em seu trabalho denominado “Universidade, Qualidade e Avaliação”, um reforço nesta interdependência, referenciando um relatório do “*Centre pour la Recherche et l’Innovation dans l’Enseignement*” (1969), assinado por Guy Michard, que buscou conceituar disciplina, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, transdisciplinaridade e interdisciplinaridade, esta se definindo como uma interação existente entre duas ou mais disciplinas, desde a comunicação de idéias até a integração mútua dos conceitos diretores da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização referentes ao ensino e à pesquisa.

Medina (2003), ao produzir um texto sobre interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e futebol, estabelecendo uma relação entre teoria e prática no futebol, aborda quatro formas distintas de produção do conhecimento: disciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. O autor considera disciplinaridade como “a abordagem que agrega o conhecimento especializado de uma disciplina ou ramo da ciência. Refere-se, portanto, a um conjunto específico de conhecimentos, com características e métodos próprios, sem relações aparentes com outras áreas do saber”.

Multidisciplinaridade, ou pluridisciplinaridade, Medina define como “a abordagem que faz a justaposição de duas ou mais disciplinas em busca de uma melhor compreensão dos fatos ou fenômenos”. Segundo ele, esta aproximação entre as diferentes áreas mantém, em essência, a natureza própria da especificidade de cada uma delas, significando que um assunto pode ser trabalhado em várias disciplinas, mas cada uma delas seguindo seus próprios métodos, não ocorrendo uma tentativa de síntese entre as diferentes áreas do conhecimento.

Quanto à interdisciplinaridade, Medina define como a abordagem que busca a interação e a cooperação entre duas ou mais disciplinas, existindo um fator de coesão entre saberes distintos na

prática. Observa-se que, muitas vezes, uma equipe interdisciplinar é composta por pessoas que receberam sua formação em diferentes domínios de disciplinas, com métodos, conceitos, dados e termos próprios, exigindo-se um esforço de todos para que possam exercer uma autêntica interdisciplinaridade.

Já a transdisciplinaridade representa um estágio mais avançado entre os modos de produção do conhecimento, assemelhando-se, em certos aspectos, à interdisciplinaridade. Porém, ultrapassa o conceito desta área de saber, na medida em que, além de exigir uma postura e uma atitude de total abertura e respeito à diversidade e à complexidade de todos os fenômenos, reconhece que não há referências – culturais, étnicas, científicas, religiosas – privilegiadas para julgar como mais corretos ou mais verdadeiros determinados conjuntos de conhecimentos, crenças ou valores.

Procedendo-se a uma análise dos conceitos emitidos pelos autores até então citados e outros por nós estudados, conclui-se que todos reconhecem a necessidade de uma interação ao definirem interdisciplinaridade, disciplina que melhor se presta ao objetivo deste trabalho.

Autoridade no assunto, Fazenda (1996) afirma que “um projeto interdisciplinar de trabalho consegue captar a profundidade das relações conscientes entre as pessoas e entre pessoas e coisas.”

Para Ferreira (In: Fazenda, 1996), a interdisciplinaridade perpassa todos os elementos, pressupondo a integração entre eles. Considera interdisciplinaridade a concepção única do conhecimento, utilizando-se para isso uma metáfora: o conhecimento é uma sinfonia. Consolidando esta afirmação, Ferreira diz que “para sua execução, será necessária a presença de muitos elementos: os instrumentos, as partituras, os músicos, o maestro, o ambiente, a platéia, os aparelhos eletrônicos etc. A orquestra está estabelecida. Todos os elementos são fundamentais, descaracterizando, com isso, a hierarquia de importância entre os membros. Durante os ensaios as partes se ligam e se justapõem em um movimento contínuo, buscando um equilíbrio entre as paixões e desejos que a compõem”.

A idéia de interdisciplinaridade, segundo Ferreira, é norteada por eixos básicos, como a intenção, a humildade, a totalidade e o respeito pelo outro. Ela afirma: “o que caracteriza uma

prática interdisciplinar é o sentimento intencional que ela carrega. Não há interdisciplinaridade se não há intenção consciente, clara e objetiva por parte daqueles que a praticam. Não havendo intenção de um projeto, podemos dialogar, inter-relacionar e integrar, sem, no entanto, estarmos trabalhando interdisciplinarmente.”

Ferreira ainda considera que “a apreensão da atitude interdisciplinar garante, para aqueles que a praticam, um grau elevado de maturidade. Isso ocorre devido ao exercício de certa forma de encarar e pensar os acontecimentos. Aprende-se com a interdisciplinaridade que um fato ou a solução nunca é isolado, mas sim consequência da relação entre muitos outros.”

Finalizando esta revisão da literatura, colocamos uma assertiva de Japiassu (1976): “o interdisciplinar se realiza no domínio da informação recíproca entre as disciplinas, isto é, no nível da permuta de informações entre duas organizações disciplinares”.

Interdisciplinaridade nas Comissões Técnicas

O profissional de Educação Física, talvez, seja aquele cuja formação é a mais interdisciplinar de todas, se comparado a profissionais de outras áreas, uma vez que, ao longo do seu curso de licenciatura, lhe são transmitidos conhecimentos substanciais de anatomia, fisiologia, biomecânica, higiene, nutrição, socorros de urgência, cineantropometria e medicina física, na área biomédica; psicologia, didática, sociologia, pedagogia, antropologia e história do esporte e da educação física, na área de ciências humanas; além das disciplinas teórico-práticas, ligadas diretamente à área esportiva, em que o aluno aprende a ensinar os fundamentos de várias modalidades de caráter coletivo e individual, bem como a organização e o planejamento de eventos, que se inserem na área de administração esportiva.

Transferindo-se a interdisciplinaridade da Educação Física para o esporte, chegamos ao exemplo, representado pela constituição das comissões técnicas, de início atuantes no futebol, posteriormente no basquetebol, no voleibol, no judô, no atletismo, na natação e em outros mais. Para as instituições de prática esportiva que financeiramente se encontram em situação

mais delicada, no entanto, manter uma comissão técnica se torna uma tarefa por demais onerosa, o que ocorre nas instituições da administração do esporte (confederações, federações), mesmo às vésperas de competições de âmbito nacional e internacional.

Mas como definir Comissão Técnica a ponto de estabelecermos similaridades com a interdisciplinaridade?

Para Tubino (2006), Comissão Técnica é um grupo de pessoas reunidas em um processo de treinamento, trazendo especializações nas diferentes partes da preparação.

O relacionamento dos profissionais que constituem a CT deve ser o mais democrático possível, sem extravasar vaidades pessoais e sem que a interferência de um na atividade do outro caracterize intromissão, mas, apenas, cooperação em busca de um êxito benéfico para todos.

Considerando-se a figura do profissional de Educação Física encabeçando uma CT, sob o enfoque de uma seleção nacional ou de um clube que tenha a prática do futebol entre suas atividades, a equipe seria assim constituída:

- Supervisor (também recebe a denominação de coordenador e/ou administrador): profissional de Educação Física ou profissional de Administração, ambos com especialização ou MBA em administração esportiva, ou ainda um profissional liberal também com especialização ou MBA em Administração Esportiva.
- Técnico: profissional de Educação Física com especialização em futebol.
- Preparador Físico: profissional de Educação Física com especialização em treinamento esportivo ou em futebol.
- Preparador de Goleiros: profissional de Educação Física com especialização em futebol.
- Observador Técnico: profissional de Educação Física, preferencialmente especializado em futebol.
- Médico(s): ortopedista e cardiologista, especializados em Medicina Esportiva. Podemos até ter especialistas de outras áreas, porém, obrigatoriamente com a especialização em medicina esportiva e substancial experiência ambulatorial.
- Fisioterapeuta: preferencialmente especializado em Fisioterapia Esportiva.

- Fisiologista: profissional da Educação Física ou profissional médico (cardiologista) especializado em Medicina Esportiva.

- Nutricionista: preferencialmente especializado em Nutrição Esportiva.

- Psicólogo: especializado em Psicologia Esportiva.

Como se observa, a interdisciplinaridade está presente não só na constituição da CT, integrada por profissionais de cinco áreas diferentes, como também no fato do trabalho do técnico e do preparador físico sofrer influência das ações desenvolvidas por outros profissionais, como o médico, o fisiologista, o nutricionista e o psicólogo, tudo em prol de um bem comum – resultados compensadores na competição. É o atleta que precisa de uma dieta especial para ganhar ou perder peso; de um acompanhamento psicológico preventivo; de um trabalho mais intensivo do fisioterapeuta; de uma assistência médica mais constante. Assim, a CT trabalha de forma a minimizar todos estes problemas de modo que, ao ser entregue aos responsáveis pela preparação físico-técnica, o atleta esteja em perfeitas condições, sem apresentar qualquer seqüela que venha a comprometer futuramente seu desempenho.

Em complemento a esta abordagem sobre CT, vale mostrar o modelo adotado pela Confederação Brasileira de Voleibol, principalmente em razão dos resultados obtidos por esta modalidade, cujas seleções brasileiras de base e de adultos ostentam títulos internacionais, como campeãs continentais, pan-americanas, mundiais e olímpicas, significando dizer que um trabalho eficaz fora do campo (quadras) tem um reflexo altamente positivo nos resultados obtidos na competição.

Desta forma, a CT padrão do voleibol constitui-se de: administrador, técnico, assistente técnico, preparador físico, médico, fisiologista, nutricionista, fisioterapeuta, psicólogo e estatístico. Este último acompanha, no computador, as incidências da partida referentes à equipe, objetivando apresentá-las ao técnico. Na Seleção Brasileira de Futebol, este trabalho é feito, desde 1994, pelo Prof Moraci Santana, responsável pela preparação física da equipe.

CONCLUSÃO

Com base nas observações mencionadas neste trabalho, conclui-se:

- A interdisciplinaridade se faz presente no esporte com a implantação das comissões técnicas, que devem contar com a participação de profissionais especializados em seus respectivos ramos de trabalho, sem a presença de elementos improvisados ou arrivistas ocupando funções de transcendental importância, como supervisores (administradores) e técnicos esportivos.

- A CT, baseando-se nos conceitos de interdisciplinaridade, deve funcionar através de uma perfeita interação entre seus integrantes, isto é, havendo um completo entrosamento.

- Transportando a interdisciplinaridade para o esporte, principalmente para modalidades de caráter coletivo, onde o trabalho das CT se faz mais presente, avalia-se a eficácia do trabalho pelas conquistas do voleibol e do futebol brasileiro, quando a seleção ou o clube realmente se organizam. Vale citar ainda o crescimento do judô, a partir do instante em que vem adotando os mesmos procedimentos.

- Uma competente administração esportiva, dentro de uma CT, não se improvisa. Ela se organiza a partir do instante em que os seus componentes são técnicos em cada especialidade, assim como os componentes de um projeto interdisciplinar.

- Ao discorrer sobre interdisciplinaridade e, posteriormente, definir-se Comissão Técnica com seus integrantes e suas atribuições específicas, ao mesmo tempo em que se procura estabelecer um elo entre as duas situações, dá-se características de cientificidade à CT, quando aprofundamos as qualificações pertinentes à cada profissional que dela faz parte. Obviamente, as tarefas a serem desempenhadas por cada um deles contêm embasamentos científicos importantes para que sua missão seja bem sucedida. O emprego da informática pelo técnico, passando pela fisiologia, pela biomecânica, pela anatomia, pela psicologia e pela nutrição, cujos conhecimentos são indispensáveis aos integrantes de uma CT, funciona como suporte às assertivas desta revisão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPINUSSÚ JM, REIS PJ. Futebol – técnica, tática e administração. Rio de Janeiro: Shape Editora, 2004.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEI. Regulamento para integrantes das Seleções Brasileiras. 5ª ed. Rio de Janeiro: CBV, 2005.
- FAZENDA ICA. Didática e interdisciplinaridade. São Paulo: Ed Papyrus, 1998.
- FAZENDA ICA. Práticas interdisciplinares na escola. São Paulo: Ed Cortez, 1996.
- JAPIASSU H. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Ed Imago Editora, 1976.
- KLEIN J. Ensino interdisciplinar: didática e teoria. In: FAZENDA IC. Didática e interdisciplinaridade. São Paulo: Ed Papyrus, 1998.
- LENOIR. In: FAZENDA ICA. Didática e interdisciplinaridade. São Paulo: Ed Papyrus, 1998
- MEDINA JP. Interdisciplinaridade e futebol. Disponível em: <<http://cidadedofutebol.uol.com.br/site/vip/materias/vermaterias.aspx?idem=280>>. Acesso em: 25 mar 2006.
- PETRIE HG. Interdisciplinarity education: are we faced with insurmountable opportunities? Review of Research in Education 2000;18: 299-333.
- SENIOR Y. Didática e interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontrolável. In: FAZENDA IC. Didática e interdisciplinaridade. São Paulo: Ed Papyrus, 1998.
- TUBINO MJG. Metodologia científica do treinamento desportivo. Rio de Janeiro: Shape Editora, 2003.
- TUBINO MJG. Universidade, qualidade e avaliação. Rio de Janeiro: Dunga Editora, 1997.
- VARS G. Interdisciplinary teaching: why and how. Columbus, Ohio: National Middle School Association, 1993.